

Modelo Organizacional da Prestação de Serviço de Assistência Técnica para o Cultivo do Algodoeiro no Brasil

José Renato Cortez Bezerra

Até o início da década de 1970, o serviço de assistência técnica aos produtores do algodoeiro era realizado basicamente pelas empresas de assistência técnica e extensão rural vinculadas às Secretarias de Agricultura dos Estados, havendo uma grande discrepância entre os estados mais desenvolvidos das regiões Sul e Sudeste e os menos desenvolvidos da região Nordeste. Nos estados da regiões Sul e Sudeste onde se destacavam na produção do algodão os estados de São Paulo e Paraná, os técnicos deste serviço já apresentavam um bom nível de especialização, resultando em uma produção e produtividades bem maiores que a média do país. Enquanto isto, nos estados da região Nordeste, que embora se constituísse em uma área bastante expressiva na produção nacional, a grande maioria dos escritórios das Emater's era ocupado por um técnico que possuía uma formação generalista sem nenhuma especialização na cultura. Contudo, como o sistema de produção praticado na região era, do ponto de vista tecnológico, muito pouco exigente, os sistemas estaduais atendiam a demanda existente. Com a introdução e instalação do bicudo (*Anthonomus grandis* Boheman, 1843), como praga da cultura, observou-se a necessidade de melhorar o nível tecnológico da cultura do algodoeiro, havendo portanto, necessidade de um melhor nível de especialização por parte dos técnicos que prestavam assistência técnica e extensão rural. Nesta fase, com o patrocínio do Ministério da Agricultura e de bancos de desenvolvimento regional como o Banco do Nordeste, houve um programa de capacitação massal dos técnicos da extensão rural, de modo que eles pudessem atender aos produtores com vistas a este novo enfoque.

No entanto neste período, observou-se no Brasil, uma redução muito grande na área cultivada com o algodão, tendo o país passado de exportador da fibra desta malvacea para importador, em decorrência não só do bicudo, mas de uma série de fatores conjunturais tais como manutenção de política de juros elevadas, abertura do mercado com a redução na tarifação das importações e uma política de preços mínimos inadequada, concorreram para a redução da área plantada, reduzindo drasticamente a necessidade dos serviços prestados pelos técnicos do setor público.

Com a entrada do algodão na região do Cerrado, o perfil do produtor do algodão no Brasil mudou. A exploração da cultura pela agricultura familiar foi substituída pela produção empresarial representada por médios e grandes produtores, concentrados na região do cerrado do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Bahia, principalmente.

Este produtor, quase sempre não usa os serviços oficiais de assistência técnica e extensão rural. Nas propriedades deste segmento produtivo, normalmente existe uma equipe de apoio composta por agrônomos e técnicos agrícolas que tem a função de conduzir a lavoura, sob a orientação de um consultor externo privado. Este consultor, que normalmente é alguém com a formação acadêmica na área da agronomia, orienta as equipes das fazendas, sendo responsáveis pela assistência técnica em extensas áreas de cultivo do algodão. Trata-se quase sempre, de profissionais com baixo nível de especialização acadêmica, contudo, são técnicos que sua grande maioria, possuem ou possuíam suas próprias lavouras, tendo portanto, uma vasta experiência de campo.

Sua assistência técnica baseia-se no uso intensivo de insumos, no combate sistemático às pragas e doenças, o que vem tornando este sistema de produção, que embora obtenha altas produtividades, vem ano a ano, apresentando maiores custos de produção, tornando-se deste modo menos competitivo ao mesmo tempo que vem



recebendo muita pressão por parte das organizações ambientalistas pelo uso excessivo de defensivos químicos e de adubos.

Atualmente, estes consultores que se organizam na ABCI (Associação Brasileira de Consultores Independentes), são responsáveis pela assistência técnica de mais de 90% do algodão produzido no Brasil, o que nos leva a constatação, considerando o número relativamente pequeno de consultores, que cada um deles é responsável pela assistência técnica de uma grande extensão de área.

Com relação a nossa visão prospectiva, acreditamos que a agricultura familiar, por representar um volume percentual de produção bem menor no contexto geral, poderá contar com a assistência técnica oferecida pelo Estado, uma vez que a estrutura oficial dispõe de um grande número de escritórios, atingindo, praticamente, cada município brasileiro. Sabe-se que o nível de capacitação destes técnicos nos Estados menos desenvolvidos, quase sempre, não é das mais elevadas, tendo sob sua responsabilidade toda uma gama de culturas e exploração pecuária para atender. No entanto, pela importância que a cultura tem no Brasil, não há dificuldades em encontrar, a nível do município, um técnico capacitado para dar assistência técnica ao cultivo do algodão. Por outro lado, o nível de exigência tecnológica por este segmento produtivo é bem menor em decorrência da expectativa de produtividade ser menor quando comparado ao segmento empresarial. Ao mesmo tempo, os custos de produção deste segmento, é consideravelmente menor uma vez que o uso de insumos é menor.

Para o segmento de produção representado pela agricultura empresarial, acreditamos que serão necessários alguns ajustes. Na safra atual, já se observa um número considerável de reclamação por parte dos produtores, em decorrência dos altos custos de produção e dos baixos preços da fibra no mercado internacional. Ao mesmo tempo, a cotação do dólar em relação ao real vem diminuindo, o que tem tornado menos competitivo o negócio do algodão destinado a exportação. Considerando que os sistemas de produção se baseiam no uso excessivo de insumos, como a pesquisa já vem observando com o uso abusivo de adubos e defensivos agrícolas, é possível contornar esta situação a partir de uma maior eficiência na utilização destes insumos. Este fato tornará mais premente a necessidade de uma assistência técnica mais eficiente onde a utilização dos insumos deverá ser calcada em critérios mais objetivos.

Considerando este aspecto, acredita-se que a assistência técnica privada passará por ajustes onde os mais competentes poderão ter sua influência aumentada e aqueles que não acompanharem o processo de mudanças poderá ficar fora do mercado. Considerando ainda, que atualmente existe um número considerável de novos técnicos partindo para uma capacitação mais efetiva com a realização de cursos de mestrado e doutorado, é possível que haja uma expansão neste segmento a partir desta nova oferta de serviços.


 Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
 



Modelo Organizacional da Prestação de Serviço da Assistência Técnica para o Cultivo do Algodoeiro no Brasil

José Renato Cortez Bezerra
 Chefe Adjunto de Comunicação e Negócios
 Embrapa Algodão


 Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
 

Histórico da Assistência Técnica no Brasil

- Sistemas Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural
 - Região Nordeste → Agricultura no Semi-Árido
 - ↓
 - Baixa produtividade
 - Assistência técnica precária
 - Região Sul/Sudeste → Agricultura Familiar Médio Produtor
 - ↓
 - Produtividade maior
 - Assistência técnica organizada




 Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
 

Bicudo (*Anthonomus grandis*)

↓
 Erradicação da Praga

↓
 Convivência com a praga (qualificação do pessoal)

1963 →


 Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
 

Situação atual e perspectivas

Agricultura Familiar → Sistemas Estaduais de Assistência Técnica

Agricultura Empresarial → Assistência Técnica Privada (Consultor)


 Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
 

Muito Obrigado!

José Renato Cortez Bezerra
chcn@cnpa.embrapa.br
renato@cnpa.embrapa.br
 Embrapa Algodão
 Rua Osvaldo Cruz, 1143
 Centenário – Campina Grande – Paraíba – Brasil
 Fone: (83) 3315.4305
 Fax: (83) 3315.4367